

Drummond: acontecimento e surgimento de um novo sujeito – entrevista com Alain Badiou¹

Drummond: event and emergence of a new subject – interview with Alain Badiou

Introdução

A presente entrevista com Alain Badiou (1937-), professor emérito da Universidade de Paris 8, ocorreu na manhã do dia 7 de fevereiro de 2020, uma sexta-feira, em um confortável apartamento, repleto de livros, no residencial décimo quarto distrito, ou *arrondissement*, da capital francesa. O pedido, bem como as tratativas, foram mediados pela professora de literatura e amiga de longa data do filósofo, Isabelle Vodoz – igualmente anfitriã, a quem agradecemos pelas gentilezas. Após um mês de espera, eis que em novembro de 2019 recebemos o esperado “sim”, restando a partir de então afinar agendas. Tal empreitada só nos foi possível graças ao período em que estivemos na Universidade de Rennes 2 (janeiro-março 2020), relativo às pesquisas da *Chaire des Amériques* [Cátedra das Américas], atribuída pela mesma instituição e pelo *Institut des Amériques* [Instituto das Américas], um consórcio de

1 Apresentação e entrevista por Gustavo Chataignier (PUC-Rio, Comunicação Social, quando de um estágio de pesquisa na *Chaire des Amériques* [Cátedra das Américas], da Universidade de Rennes 2.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: gustavo.chat.gad@gmail.com

Recebido em: 24/11/2020 – Aceito em: 20/12/2020

universidades francesas. Nossa pesquisa de então, acolhida pelo professor Néstor Ponce, consistia na investigação das relações entre poesia e filosofia a partir dos versos de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Trata-se de desdobramento de estudo anterior de pós-doutoramento, cujo “objeto” analisado e desconstruído foi o poema “A Máquina do mundo”, do livro *Claro enigma* (1951)². Agora seria questão de pensar o verso-universo drummondiano enquanto “acontecimento”, noção seminal do pensamento badiouiano. Note-se que por não se tratar de uma filosofia que opera no campo da representação e portanto do “tema” veiculado por tal ou tal poesia, a teoria do acontecimento não se opõe à descrição da primazia da diferença derridiana; esta, por seu turno, ganha, por assim dizer, a “localização” do acontecimento no *locus* linguístico do poema. Dir-se-ia se tratar de uma perspectiva englobante, no sentido hegeliano.

O interesse em tal debate – a saber, o diálogo entretido entre a poesia de Carlos Drummond de Andrade e a filosofia de Alain Badiou – não se reduz, não obstante, ao âmbito de uma pesquisa isolada. Para além de marco editorial com status de novidade, tal empreitada se justifica ao nosso ver por reunir consagrado poeta brasileiro, que atravessou o modernismo e estabeleceu uma dicção própria, com um dos maiores expoentes da filosofia francesa do pós-guerra – cuja teoria implica a ruptura instauradora de modos de ver e sentir, particularmente interessado na poesia enquanto acontecimento, como se o notará³. Badiou pensa na verdade do sujeito, sempre a posteriori, deslocando a questão do “sujeito da verdade”.

Ainda no que tangem as justificativas, Luiz Costa Lima aponta uma posição única de Drummond no seio do modernismo brasileiro. O caráter afirmativo do movimento na poética drummondiana consiste na passagem da poesia ao cotidiano e à blague. A tal ponto que a ironia ganha uma forma mais radical, chamada por esse crítico de “corrosão”. Vejamos os versos do “Poema de sete faces”: “Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/

2 Cf. “Máquinas Da Escritura: Devires Sensíveis”. In: *Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia*. Org. Ceppas, e Chataignier. Valparaíso: Universidade de Valparaíso, 2019, p.261-274 (disponível em <http://www.revistalatinamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/01/18-Gustavo-Chataignier.pdf>) e “Machines de l’écriture: des devenirs sensibles”. In: *50 ans de déconstruction : vitalité et pertinence de l’œuvre de Derrida*. Org. Ceppas; Chataignier; Ferté. Paris: LHarmattan, 2020, p.183-196.

3 Que se nos permita um breve comentário. Nossa esperança é de que a presente e curta introdução, aliada à breve entrevista, nos permitam ulteriores estudos mais aprofundados sobre o acontecimento na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

disse: Vá, Carlos!, ser *gauche* na vida”⁴. A figura de um anjo em nada angelical aponta para a corrosão do hábito, nos explica Costa Lima. A ironia drummondiana volta a si com tal intensidade (ironia “regressiva”)⁵, que ganha a função de dissipar a linguagem de suas certezas. A simples ironia o faria mais um poeta moderno. Assim, o diálogo ambíguo com seus pares⁶ estabeleceu tanto o canibalismo das culturas estrangeiras quanto a crítica como corrosão. Este procedimento de escrita erige-se como percepção da história enquanto desvelamento do tempo presente⁷. Tal estilo leva o leitor a uma escavação de si, estabelecendo uma abertura a um futuro desconhecido. Trata-se de uma abertura para o advento de um sujeito em sua verdade constituinte, já que os versos não idealizam musas e temas, convidando o leitor à interpretação. O que se vê não é possível senão pela opacidade, como nos versos de “Aliança”. O elo do sensível em busca de inteligência alcança, no sonho e no poema, “visão de graça fortuita/ e ciência não ensinada”: “O homem, feixe de sombra/ desejaria pactuar/ com a menor claridade”⁸. Ou, ainda, que leiamos os versos da “Mineração do outro”, na qual se estabelece um compromisso entre corpos. Decifrar esse encontro, o ouro do outro – o que em Badiou responde pelo termo “acontecimento”, quiçá amoroso – é o que mantém o sujeito. Tal “contato” não se dá senão no *locus* dos versos, eis o “compromisso” (o “jamais apreendido” no qual ressoa “outra voz”, a do acontecimento):

4 Drummond de Andrade, Carlos. “Alguma poesia”. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.5.

5 Costa Lima, Luiz. *Lira e antilira: Mário, Drummond e Cabral*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p.142-3. Cf. “Necrológio dos desiludidos do amor”: “Os desiludidos do amor/ estão desfechando tiros no peito./ Do meu quarto ouço a fuzilaria./ As amadas torcem-se de gozo./ Oh quanta matéria para os jornais./ (...) Os médicos estão fazendo a autópsia/ dos desiludidos que se mataram./ Que grandes corações eles possuíam./ Visceras imensas, tripas sentimentais/ e um estômago cheio de poesia...” (Drummond de Andrade, Carlos. “Brejo das almas”. In: *Poesia completa*, op. cit., p.59-60).

6 É célebre a troca epistolar entre Drummond e Mário de Andrade (cf. a carta de 10 novembro de 1924. In: *A lição do amigo - Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Organização André Botelho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.19-28). Nela, Mário critica o pessimismo do mineiro e sua distância em relação ao debate nacional, alimentado sobretudo pelas leituras de Anatole France; sua posição, em oposição, seria a de uma solidariedade entre as classes encabeçada por uma vanguarda (cf. Santiago, Silviano. *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture*. Tradução Anna Lucia Gazzola e Wander Mello Miranda. Dunham e Londres: Duke University Press, 2001, p. 161).

7 Costa Lima. *Lira e antilira*, op. cit., p.129-31.

8 Drummond. *Novos poemas*. In: *Poesia completa*, op. cit., p.240-1.

O corpo em si, mistério: o nu, cortina/ de outro corpo, jamais apreendido,/ assim como a palavra esconde outra/ voz, prima e vera, ausente de sentido./ Amor é compromisso/ com algo mais terrível do que amor?/ – pergunta o amante curvo à noite cega,/ e nada lhe responde, ante a magia:/ arder a salamandra em chama fria⁹

Cronológica, e mesmo tematicamente, o cânone divide a obra drummondiana da seguinte forma: primeira fase modernista e irônica; segunda fase social ou engajada; terceira fase “metafísica” e por fim uma fase memorialista¹⁰. Ora, é esse pendor metafísico, sempre presente, se concordarmos com a “corrosão” elencada por Costa Lima, que abre a poesia do itabirano para novos voos na filosofia. Poeta nacional, por assim dizer, conseqüentemente com vasta fortuna crítica, Drummond não nos parece ter seu sentido esgotado. Ele o confirma: “E como ficou chato ser moderno./ Agora serei eterno”, na convivência do Padre eterno, com o fogo eterno e o amor de Yayá Lindinha, figura de afeto pessoal e também referência a Machado de Assis. Nem o poeta, e tampouco o chão que pisa: que não reste senão um ritmo¹¹, desconcertante qual a ideia de acontecimento, eis o anelo. Dito isso, como a filosofia badiouiana poderia contribuir no comentário desse corpus? Não é de maneira alguma nosso intuito substituir o teor da entrevista que se segue. De todo modo, a teoria do acontecimento que rompe com a normatividade presente e abre o espaço para um sujeito que cria o sentido no tempo (os procedimentos das formas genéricas de verdade) nos parece ser uma rica seara de investigação: pedras, caminhos pedregosos, aporias e suspensões de sentido são alguns elementos que corroboram tal aproximação.

Assim sendo, cabe indicar ao eventual leitor alguns dos lugares e funcionamentos da poesia no seio do pensamento de Alain Badiou. Como dizia em seus cursos na *École Normale Supérieure*, a conversão existencial deve ser acompanhada de um desenvolvimento teórico. Para tanto, a “impossível língua” dos começos é a poesia, dizer o acontecimento é função da poesia – independente de uma referencialidade empírica, já que um poema é uma nova organização

9 Idem, *Lição de coisas*. In: *Poesia completa*, op. cit., p.475-6.

10 Cf. Merquior, José Guilherme. *A razão do poema*. São Paulo: É Realizações, 2013, p.100; Santiago, Silviano. “Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”. In: Drummond de Andrade, Carlos. *Poesia completa*, op. cit., p.XXXVI-XL.

11 Drummond de Andrade, *Fazendeiro do ar*. In: *Poesia completa*, op. cit., p.407-9.

no código linguístico¹². Ante o *pathos* do acontecimento, não há mediação conceitual passível de certeza positiva; o sujeito se vê forçado, notadamente pelo desejo e ao acaso, a nomear a situação, em pleno ato de criação.

Claro está que há algumas entradas possíveis nesse universo. O mini-curso, dado na UFRJ, *Para uma nova teoria do sujeito*¹³, resume didaticamente sua filosofia. Que se assinala o pioneirismo do também ex-aluno, tradutor e pesquisador canadense radicado no Brasil, Norman Madarasz, com uma série de artigos e o livro de caráter sistematizador, *O múltiplo sem um*¹⁴. Retomar o combalido sujeito e a desacreditada noção de verdade, criticando o vitalismo¹⁵, ainda não rendeu todos frutos possíveis.

Peter Hallward, em sua correta introdução em língua inglesa à *Ética*, o coloca no mesmo patamar de Deleuze e Derrida¹⁶. Sabe-se, com pesquisas na internet, ser pensador traduzido em diversas línguas. Sua principal obra, *O Ser e o evento*¹⁷, originalmente de 1988, felizmente, foi vertida entre nós nos anos 1990. Todavia, suas continuações, *Logiques des mondes* [Lógicas dos mundos], *Court traité d'ontologie transitoire* [Curto tratado de ontologia transitória] e *L'immanence des vérités* [A imanência das verdades] permanecem indisponíveis (bem como obras seminais, como *Théorie du sujet* [Teoria do sujeito], anterior a *O Ser e O acontecimento*, e *Conditions* [Condições], de cunho explicativo¹⁸). Ex-discípulo de Althusser, frequentador de Sartre e dos seminários de Lacan, além de passar por Platão, Badiou propõe um universo de imbricamentos entre o filosófico e o não filosófico que merece ser explorado.

12 Notas, durante o doutoramento, do curso « Pour aujourd'hui, Platon ! » [Para hoje, Platão!], 10 de junho de 2009, ministrado por Alain Badiou na referida instituição.

13 Badiou, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

14 Madarasz, Norman. *O múltiplo sem um: uma apresenta o do sistema de Alain Badiou*. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

15 Badiou, Alain. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Tradua o Ant nio Teixeira e Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

16 Hallward, Peter. "Translator's introduction". In: *Ethics – an essay on the understanding of evil*. Badiou, Alain. Tradua o Peter Hallward. Londres-Nova Iorque: Verso, 2001, p.viii.

17 Badiou, Alain. *O ser e o evento*. Tradua o Maria Luíza Borges. Rio: Jorge Zahar, 1996. Outra tradu o possível seria por "acontecimento", evitando confusão com uma semântica do entretenimento, como recomenda o autor na entrevista.

18 Badiou, Alain. *Logiques des mondes – l'être et l'événement II*. Paris : Seuil, 2006 ; *Court traité d'ontologie transitoire*. Paris : Seuil, 1998 ; *L'immanence des vérités – l'être et l'événement III*. Paris : Fayard, 2018 ; *Théorie du sujet*. Paris : Seuil, 1982 ; *Conditions*. Paris : Seuil, 1992.

Nossa leitura não se arroga a árdua missão de abarcar toda a obra de Alain Badiou, fugiria por demais de nosso escopo presente. A chave de leitura proposta é clara: partimos da ontologia matemática, cuja base incontornável é *O Ser e o evento*, para nos indagar sobre necessária e incerta invenção de linguagem quando da irrupção do acontecimento e sua posterior busca subjetivante. Sem a capacidade de racionalizar (leia-se: dizer, nomear) o acaso e as figuras do imprevisível e, além disso, se estabelecer formalmente etapas fenomenológicas, o gesto badiouiano se perde. Donde a centralidade de *O Ser e o evento* em sua carreira e de toda explicação do acontecimento gerador de sujeito. Trata-se de uma incorporação da verdade subjetiva. Dizer o acaso que nos forma é uma teoria racional da multiplicidade, cujas bases não jazem senão em *O Ser e o evento*. O próprio autor afirma não dar prioridade à poesia em seu livro fundador; todavia, seu papel teórico está ali traçado e é desenvolvido ao longo de sua produção – com alguns momentos-chave por nós evocados.

Acreditamos que uma breve descrição da situação auxilie o leitor não tanto a melhor compreender o texto, mas, antes, quiçá a reconstituir o sopro da ideia que visitou os que ali estavam – e, assim o esperamos, se erija como ponto de subjetivação ou, ainda, ponte para o encontro entre duas grandes referências dos dispositivos de arte e filosofia. Após o que, passaremos a breve evocação dos principais conceitos de Alain Badiou para, por fim, chegarmos à entrevista – uma edição de material com pouco mais de uma hora de duração.

Retornemos à cena da entrevista. O filósofo foi presenteado com uma tradução francesa dos poemas de Drummond, de Didier Lamaison, *La Machine du monde et autres poèmes* [A máquina do mundo e outros poemas]¹⁹. De nossa parte, gentilmente ganhamos um exemplar de *Trump*²⁰, sua mais recente obra. Cortês e sorridente, do alto de quase dois metros de altura, esse grande homem confessou “ter ouvido falar” de Drummond. “Mas sei que é dos grandes”, de pronto emendou. “Ao ler sobre Pessoa vi comentários muito interessantes”, o que incluía, detalhou, Camões, outro marco da língua portuguesa. Não pense o leitor que daí resultou um conjunto de platitudes ou amenidades bem-educadas. Muito pelo contrário, o que ali se presenciou foi a fala de um sujeito interpelado por um código gramatical embebido pela verve drummondiana,

19 Drummond de Andrade, Carlos. *La Machine du monde et autres poèmes*. Paris: Gallimard/Poésie, [1990], 2005. Em 1972 a antologia *Reunião* foi vertida ao francês, em edição bilingue, pelo lusófono Jean-Michel Massa (Rennes 2, 1930-2012), com o título de *Réunion* (Idem, Paris: Aubier-Montaigne, 1972). Já em 2005 publicou-se *Mort dans l'avion et autres poèmes* [Morte no avião e outros poemas], também bilingue, traduzido por Ariane Witowski (Idem, Paris: Chandeigne, 2005).

20 Badiou, Alain. *Trump*. Paris: PUF, 2020.

e portanto reinventado, provocando assim deslocamentos à medida em que a leitura apresentava os poemas. O comentário fabricado de pronto, sem maiores preparos, só não pode ser caracterizado como espontâneo por rigor teórico. Explicamo-nos: à percepção do aparecer nu da obra se justapõem, forçosamente, as condições de recepção da época, o que inclui as mobilizações, tanto intencionais quanto inconscientes, do sujeito. É mesmo um exercício estrábico, ater-se à obra e buscar a distância do auxílio conceitual. Pois bem, e o leitor o verá, parece-nos que se presenciou uma das formas que pode assumir um acontecimento estético literário, tornado legível (conceituado) pelo comentário badiouiano. Que algo de um tal frescor seja preservado.

Aquilo que aparece põe seus próprios limites e, concomitantemente, contrai relações, o que torna sua irrupção um processo de diferenciação. Em nosso contexto, o referencial teórico de Badiou se apropriaria do material empírico do poeta de Itabira. Não obstante, ao se fazer justiça ao pensador francês, a questão se colocaria de outra maneira.

O múltiplo, o disforme ainda sem nome, surge em um cenário local de estabilidade e de indiferença entre as forças presentes, estáticas. Sua entrada em cena força a reelaboração da normatividade. Há uma suspensão de sentido, um vazio em meio ao qual o novo pode circular. Uma das inovações da produção teórica de Badiou consiste na articulação entre matema e poema. Um uso filosófico e não instrumental da matemática (não previsto ou não valorizado pelos matemáticos), como o ressalta, tem a pretensão de redefinir a ontologia, a teoria do ser enquanto ser. A ontologia mostra, subtrai algo (a forma ideal e subjetiva) do objeto. A matemática conta, portanto mostra – eis o papel da filosofia, se esta quiser se livrar das diversas “suturas” ou pré-determinações que historicamente a direcionaram, predeterminando o destino do fenômeno – que, de múltiplo, passa a uma identidade²¹. Antes, é questão das “condições” para o exercício da filosofia²². A filosofia não “faz” nada, por assim dizer; ela é um esforço do sujeito interpelado por um real que o ultrapassa. Assim sendo,

21 A maneira pela qual se compreende o acontecimento muda. Por isso cada época tem sua episteme, assim disposta: 1) do Renascimento à modernidade (período “clássico”, de Leibniz a Descartes): matemática/ciência como condição da filosofia; 2) Revolução francesa: história e política como condições (de Rousseau a Hegel); 3) “Niilismo”: arte e poesia substituindo a filosofia (Nietzsche e Heidegger), na chamada “era dos poetas” (Idem, *Manifesto pela filosofia*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Angélica, 1991, p.14-5). Em todos esses períodos, havia identidade entre a filosofia e suas condições.

22 Em *Conditions*, livro de 1992 cujo intuito era o de explicar os argumentos de *O ser e o acontecimento* e o de reafirmar a anterioridade do acontecimento em relação à filosofia, Badiou recorre a dois procedimentos de ruptura na poesia, segundo ele presentes em Mallarmé e em Rimbaud – respectivamente a subtração e a interrupção (Idem, Paris: Seuil, 1992 p.108-154).

o acontecimento, em suas quatro formas ou enquanto “procedimentos genéricos”, antecedem a filosofia – ou, se se quiser, a conjunção entre matema e poema. São eles: arte, amor, política e ciência. Dessa maneira, o ponto local tem a potência de universalização – ou o acontecimento pode ter seu nome veiculado, promovendo lugares de subjetivação. A primazia da experiência, termo usado aqui no sentido amplo de exterioridade não controlada pela intenção, em um só tempo criadora do sujeito e por ele nomeada, impõe uma composibilidade de verdades, fugindo assim de todo dever-ser (figura da moral e da objetividade estática). Em termos mais diretamente badiouianos, o múltiplo deve poder se expressar, não sendo reduzido às suas condições. A referida composibilidade consiste em postular que não há apenas uma causalidade a explicar o mundo fenomênico e o advento dos sujeitos (herança lacano-althusseriana de deslocamento com fusão e também de sobredeterminação). Nesse sentido, o acaso é, dialeticamente, o acaso de uma situação, permitindo um processo de diferenciação e ensejando a posteriori sua inteligibilidade.

Destituída de *telos* ou sentido a priori, cabe à filosofia mostrar e tornar disponíveis processos de incorporação subjetiva de acontecimentos. Nem só política, muito menos determinismo econômico, e tampouco manipulação da natureza ou afetação pela arte ou, ainda, voluntarismo: as quatro condições genéricas apontam para vários mundos dentro de um mundo. Em suma, a filosofia, ocorrendo *post factum*, não produz realidades.

O que reter do que foi ventilado acima? Em *O ser e o evento*²³, Badiou atribui papel ontológico à matemática. Sua função é estabelecer uma lógica dos possíveis. Se o ser é, ele deve fazer jus ao múltiplo. Invertendo postulados da tradição, o não ser passa a ser: o que aparece e ainda não foi percebido e nomeado é a condição de possibilidade para toda e qualquer conceituação. Dito de outra maneira, talvez mais classicamente, o não saber é primeiro. Para tanto, Badiou lança mão da teoria dos conjuntos de Cantor (1845-1912). Todo conjunto dispõe de, no mínimo, dois elementos. Quais sejam, o que é mostrado e também o vazio. Para que algo seja mostrado e contado, o conjunto parte de si, eis a neutralidade da matemática. O nada não faz unidade,

23 Nossos apontamentos, de modo geral, inspiram-se da referida obra (*O ser e o evento*, op. cit.). Cf. introdução, capítulos 1, 3, 4, 11, 16 e 20 – respectivamente p.11-25, 29-34, 50-55, 105-109, 143-146 e 165-172. Em sua apresentação, Badiou separa os capítulos, ou, como os chama, “meditações”, em conceituais, textuais e metaontológicas, e recomenda a leitura em conjunto, ainda que seja possível fazê-la seguindo os eixos ora elencados (p.24). Há, ainda, um capítulo consagrado a Mallarmé (p.157-162). Para uma introdução ao sistema de Badiou, entendido não como mecanicismo, mas axiomática do múltiplo, consultar-se-á com bastante interesse *O múltiplo sem um* (Madarasz, op. cit.).

contudo, a permite e a nomeia (incorporação). Porém, ainda é o múltiplo (o vazio pertence a todos os conjuntos). O ganho dessa teoria é um efeito de estruturação, de criação de campo de visibilidade em uma contagem. Em suma, o vazio se contém. O múltiplo experienciado é dizível em uma articulação, o que é garantido pela inteligibilidade da estrutura, sem, porém, o fechamento do estruturalismo – a estrutura é da ordem do efeito, o efeito de uma contingência. Em se seguindo a tradição estruturalista, sobretudo de língua francesa, só há o concreto graças ao abstrato.

A multiplicidade não é interrompida por unidade ou identidade alguma; seu “outro” é o vazio. No curso de sua determinação, o contato com o outro a leva à sua alteridade – não no sentido reflexivo, de recolher a totalidade que lhe fez face, o que redundaria em uma troca de identidade. Vê-se um deslocamento. Não se trata do múltiplo de alguma coisa, uma mera replicação de um modelo. O múltiplo de um elemento é múltiplo de si mesmo, pode variar, pois é habitado pelo vazio. Lembremo-nos: o conjunto diz algo porque é vazio e, ao fazê-lo, não deixa de ser vazio (todas as coisas são compostas de multiplicidades, de proveniências distintas e com organização precária). O intuito é o de se chegar a uma exposição universal da multiplicidade. Isso torna a contingência algo irredutível a uma causalidade. Um elemento se encontra com seu nada e perde sua identidade quando é tirado do lugar, quando é forçado. O “nada de alguma coisa” é o que faz com que haja transformação. O outro leva ao próprio vazio e, assim, à mudança (ao outro de si). O encontro entre acontecimento e sujeito, ou entre elementos sem medida comum, implica uma torsão no pensamento. O resultado é a produção de novas maneiras de se ver e sentir. Enquanto efeito possível do encontro, tem-se um novo “discernimento” apto a novas “classificações” da multiplicidade fenomenal, graças à referência ao acontecimento. Caso alguma “fórmula” seja pertinente, assiste-se à busca do sujeito (movimento de enquete) a classificar os múltiplos. Em um só tempo, há a combinação do “um” (discernimento subjetivo) e do “vários” (classificação exterior), cabendo ao acontecimento o papel de mediador. Em suma, desvincular o vazio lógico do gesto poético de nomeação, arcabouços de Badiou presentes em *O Ser e o evento*, recai em deixar passar em silêncio o funcionamento intrinsecamente poético de sua teoria.

A criação na linguagem, e assim a necessária presença da poesia, nomeia sem garantias de certeza, produzindo efeitos performativos e sobredeterminando a situação com tal suplemento. Atribuindo preponderância à experiência, mas se desvinculando do sujeito kantiano cuja sensibilidade a priori é entendida como fechada sobre si, tal corpo conceitual se erige enquanto a

constituição das verdades contingentes formadoras da subjetividade. Atemporais e iniciadores de séries temporais (universalizantes), eis os procedimentos genéricos: arte, amor ou psiquismo, ciência e política. O sujeito é fiel a algo que o atravessa; a fidelidade opera conexões exteriores aos saberes estabelecidos. Em se seguindo a tópica lacaniana²⁴, após a invasão do Real, por meio de seguidas aproximações e identificações imaginárias parciais, o sujeito constrói uma narrativa e se constrói simbolicamente, no tempo. O modelo axiomático busca consequências (se se quiser, existenciais), ao invés do fechamento de uma definição, estática. Em suma, o decisivo é mudar a língua da situação e produzir elementos indiscerníveis – este o papel da linguagem. Vê-se, isso posto, a centralidade filosófica ocupada senão pela poesia enquanto objeto histórico ao menos pela linguagem em seu funcionamento poético de criação.

O acontecimento poético, particularmente notado na chamada “era dos poetas”, se deixa compreender na forma de uma experiência sem objeto e de uma nomeação sem imitação. Em texto de 1992, retomado na coletânea dedicada à poesia, *Que pense le poème?* [O que pensa o poema?]²⁵, o filósofo introduz a ideia segundo a qual no século XIX a filosofia se via ligada a uma de suas condições, notadamente a poesia. Ainda que se trate de uma periodização, entre 1870 e 1960, de Rimbaud a Celan tendo Hölderlin como anunciador (e, de nossa parte, quem sabe Drummond como epígono), o autor frisa se tratar de uma categoria filosófica, não criada pelos poetas. No dito período, a filosofia percebe um laço até então inexistente entre si mesma e a produção poética. A junção dos termos remete tanto a uma localização da filosofia (era) e sua qualificação (dos poetas) – justamente a de submissão daquela a esta. A poesia desempenharia aí função tradicionalmente atribuída à filosofia²⁶.

O que caracterizaria os poemas de tal período é o fato de que não só se lida com acontecimentos de linguagem, mas também que a poesia se arroga a tarefa de se pensar e assim pensar o pensamento – decretando, por extensão, o fim da filosofia. Ora, isso supõe que o poema construa uma resposta à pergunta seminal “o que é pensar”, e que a conduza segundo seus próprios

24 Cf. Lacan, Jacques. “Simbólico, Imaginário e Real”. In: *Os Nomes do Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, e *Le séminaire XXII R.S.I* (idem, Paris: Revue Ornicar, 1974). Lacan passou do privilégio do simbólico ao do Real. Consultar Roudinesco, E., & Plon, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.755. Um diferendo em relação a Badiou seria a recusa deste em compreender o inconsciente estruturado como linguagem – o que engessaria a teoria do acontecimento, ou seja, da pura multiplicidade.

25 Badiou, Alain. *Que pense le poème*. Paris: Nous, 2016.

26 Ibidem, p.29-31.

recursos. De maneira “intrapoética”, a poesia disponibiliza “máximas de pensamento” segundo as quais a poesia ela mesma se indica como o “pensamento em geral”. Surgem os “poemas do método”²⁷.

Fernando Pessoa propunha a metafísica sem metafísica, ao passo que um de seus heterônimos, Alberto Caeiro, postulava que fazia prosa dos próprios versos²⁸. O anúncio de que o pensamento-poema rompe com seu suporte, a saber, o poema, indicaria o término de tal era. Como a sofisticada, o poema seria um não-pensamento apresentado na potência linguística de um pensamento possível. A hipótese de um pensamento do poema implica um pensamento não separado do sensível, “que não se pode discernir ou separar como pensamento”²⁹.

Badiou acredita que o momento contemporâneo situa a filosofia “(...) em equidistância em relação à intemporalidade histórica do matema e à temporalidade a-histórica do poema”³⁰, evitando tanto a sutura a suas condições quanto as grandes narrativas. Todo comentário poético pode ser formalizado e passa por uma organização de categorias, eis o esclarecimento filosófico, expediente que não pretende rivalizar com o poema enquanto acontecimento, divisor de águas produtor de subjetividade. Por fim, contrariamente a tradições filosóficas que diagnosticam a identidade da filosofia com os malogros históricos do século XX³¹, Badiou retoma o gesto racional de nomeação em função daquilo que ultrapassa e gera o sujeito. A poesia é um desses acontecimentos.

Que se pense na pedra no meio do caminho, no meio da vida, inesquecível momento que mal se deixa simbolizar, duro. Ou, ainda, na máquina do mundo, rejeitada em sua magnitude e deixando pedregoso caminho a se trilhar. Nos versos de “Em busca da poesia” segue-se a disciplina de calar a mágica das evocações e projeções egóicas, tipicamente confessionais e reificantes, para se entrever toda a potência de nomeação da linguagem. Já em “Consideração sobre o poema” tem-se a certeza da eternidade dos versos, para além da apreensão do objeto por parte do sujeito. Toda essa miríade de interpretações são elegante e apaixonadamente trazidas por Alain Badiou.

27 *Ibidem*, p.31-32, 39.

28 *Apud* *ibidem*, p.11 e 39.

29 *Ibidem*, p.39 e 65.

30 *Ibidem*, p.11.

31 *Idem*, *O Século*. Tradução Carlos Silveira Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2007.

Entrevista

Gustavo Chataignier: Bom dia, professor Badiou. Agradeço-lhe muito ter me recebido, é uma honra e estou muito contente. Tomei algumas notas segundo leituras que tenho feito ultimamente.

Alain Badiou: Como escreveu, você foi pego na relação entre a filosofia e a poesia.

GC: Haveria muitas questões a lhe fazer. Porém, seguindo as anotações, gostaria de começar por perguntas mais gerais, antes de fazer as mais diretamente ligadas à poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Badiou: Eu que lhe agradeço. Pode começar.

GC: Bem, sabe-se que sua filosofia é marcada por dois gumes, o uso necessário do matema e do poema. O uso das matemáticas enquanto ontologia subtrativa acarreta consequências filosóficas por vezes não vistas pelos matemáticos. Isso visa a fazer justiça aos múltiplos, sem que se lhes imponha um dever ser, múltiplos estes desprovidos de nome e que aparecem para nós. Seu dever não seria outro senão mostrar o que surge.

Em uma disciplina sobre filosofia francesa, tenho mostrado aos alunos algumas ideias de Rancière, Deleuze e, claro, suas. Nesse exercício, disse-me que a teoria do vazio seria uma filosofia da alteridade. O matema, no seu corpus teórico, poderia ser o fiador de uma lógica da alteridade? Enfim, você se vê como um filósofo da alteridade?

Badiou: Da alteridade? Sim, quer dizer, de uma certa maneira, a questão da alteridade é uma questão totalmente importante para mim. Então, será que sou um filósofo da alteridade? Pode-se vê-lo, mas no quadro de uma teoria do múltiplo, a questão da alteridade é posta da maneira mais desnuda, a mais essencial. Pois, na realidade, o que diferencia duas multiplicidades? É sempre um problema muito complicado.

E você tem razão ao dizer que, originalmente, a única verdadeira alteridade no interior da teoria do múltiplo é o vazio. O vazio é o ponto de alteridade, em função do qual se define a própria multiplicidade. Portanto, diria que sim, talvez um teórico da alteridade – caso seja um teórico da relação entre multiplicidade plena e vazio, é certo. Ontologicamente, de um certo modo, é minha maneira de tratar a dupla ser e nada e, portanto, o fundamento

ontológico de toda alteridade, finalmente. Além disso, é um primeiro registro. Além do mais, há um outro registro meu sobre a alteridade, que jaz justamente na questão do acontecimento. Posto que o acontecimento se dá em relação a uma situação, alguma coisa que não está na situação, mas que chega a ela. A alteridade, então, aí, se dá entre ser e chegar, é a se produzir. E portanto se diria, por fim, para resumir tudo disso, que em minha teoria há duas abordagens da teoria da alteridade.

A primeira, ao nível ontológico puro, entre multiplicidade plena e vazio; a segunda, ao nível das verdades, entre situações múltiplas e acontecimentos.

GC: Obrigado. Uma outra questão. Em um certo sentido, sua teoria poderia dar prosseguimento à teoria crítica, tal como definida por Horkheimer nos anos 30. Creio que luto contra algo, pois estou a par da existência de distinções necessárias e de filiações filosóficas. Em *Lógicas dos mundos* você fala de uma nova dialética. Mas será que os procedimentos de verdade, em um só tempo locais e universais, não poderiam justamente se aproximar do projeto crítico de Horkheimer e de Adorno, de modo que uma crítica marxista possa se alimentar de outros saberes? O que você pensa, quer seja de aproximações voluntárias ou então quer seja da tradição da teoria crítica?

Badiou: Creio que o que digo, o que seria a minha discordância com Adorno, é que ele atribui à negatividade uma positividade que não reconheço enquanto tal. Ele chama sua dialética de dialética negativa, é a negatividade. Portanto, há nele a convicção de que a troca da dialética é a negatividade. No entanto, para mim, a mudança do ser dialético, isso não é a negatividade. É a possibilidade afirmativa que libera a negatividade. Isso não é a mesma coisa.

Exatamente como, para mim, a verdade não é o acontecimento. É uma confusão frequentemente feita em uma interpretação americana de meu pensamento. E ainda assim existem aqueles que criaram o conceito de acontecimento-verdade, com hífen.

Ora, essa não era minha orientação. Minha orientação é, ao contrário, apreender que o acaso de acontecimento [*événementiel*] se encontra na origem do possível procedimento de verdade, o qual é uma construção afirmativa. E há diversas análises de Adorno que acho muito interessantes. Claro, há uma proximidade, evidentemente. Há uma proximidade dialética que tem relação com o marxismo, várias coisas.

Acho que há uma diferença metafísica, se posso assim dizer, entre ele e eu que trata da posição exata da negatividade no processo, em todos os

processos, o processo de conhecimento, mas também o postulado da criação da arte etc. Portanto, não passaria por minha cabeça chamar minha teoria de teoria crítica. Eu a chamaria, antes, de uma teoria afirmativa.

GC: Entendo. No sentido em que a crítica seria incapaz de afirmar algo.

Badiou: Exatamente. Ela criaria obstáculos à questão da afirmação. Nos problemas políticos contemporâneos, totalmente contemporâneos, mesmo no que se passa aqui, há uma negatividade potente, mas o que não existe é a afirmação? É a capacidade de criar efetivamente a visão de nosso mundo. Penso que a fraqueza da dialética de Adorno é de, no fundo, ser esquerdista, digamos. Quer dizer, negativa demais, demasiadamente do lado da potência da negação.

GC: Falta-lhe um pouco de poesia, talvez? Sim, pois a poesia é a tentativa de uma nova afirmação na língua, de fazê-la circular de outra maneira.

Badiou: Exatamente. Porque a poesia é de fato a tentativa de fazer circular uma nova afirmação na língua.

GC: De fazer circular um outro nome.

Badiou: E de fazer a afirmação de alguma coisa na língua, da qual se pensava que a língua não era capaz. Portanto isso não é atravessar o sentido da língua. Isso é uma pura afirmação.

GC: Atravessar a teoria do sentido?

Badiou: Exatamente.

GC: Bom, isso seria um pano de fundo, diria. Na verdade, presumo que você não seja próximo a esses poemas. Poderia soar um tanto estranho falar deles sem os ter lido. Proponho-lhe de ler alguns fragmentos, ou alguns poemas, para em seguida interpretá-los.

Badiou: Vê-se ser um grande poeta.

GC: Nos anos 30, ele fez sua entrada marcante no meio poético, com um poema que está na página 21, “No meio do caminho”³². Não entendo por que se colocou a primeira pessoa do singular [na tradução francesa]. Não há “eu” em português. Não há pronomes pessoais, isso modifica o poema. Ele tem uma destinação aberta, parece-me, digo mesmo sem ser francês, há essa impressão.

Ele fez tal entrada magistral. Não sei se é o fim da era dos poetas.

Badiou: Sim, será um epígono em língua portuguesa.

GC: Podemos ler “No meio do caminho”. Eu lhe cito: “o pensamento assinalado à residência, sem ponto de visão, do puro haver”³³. O que há é algo que resiste. Não sei se é um poema do desaparecimento, me soa como um poema da impossibilidade de se dizer que, não obstante, não cessa de dizer.

Badiou: Eu vejo... Será que, na frase, há mesmo a palavra “acontecimento”? Como é em português?

GC: *Acontecimento*.

Badiou: Porque eu o leio imediatamente como um poema do acontecimento. Sim, sim, pois, de início, é no meio do caminho. Um pouco como um acontecimento, que frequentemente se diz ter chegado no meio da via, aleatório.

Isabelle Vodoz: Ele pensava em Dante? Eu estava pensando em Dante.

Badiou: Mas lá também, lá também. E creio que o meio do caminho de Dante é o meio do caminho da vida. Sim, dessa maneira. Portanto, no meio do caminho da vida, eu tinha uma pedra, havia uma pedra no meio. Então, o que há? No fundo, há o poema.

Pois o poema, seus quatro primeiros versos, são no meio do caminho, tinha uma pedra. Não há nada além disso que diz, nada além. Sente-se bem

32 “No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho/ Tinha uma pedra/ No meio do caminho tinha uma pedra/ Nunca me esquecerei desse acontecimento/ Na vida de minhas retinas tão fatigadas/ Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ Tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho/ No meio do caminho tinha uma pedra” (p.16). Todas as referências às poesias de Carlos Drummond de Andrade, em português, se encontram no volume *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

33 Badiou, Alain. *Que pense le poème?*, op. cit., p.48.

que a repetição do dizer significa que algo não chega a ser dito. E após? Jamais me esquecerei desse acontecimento, *acontecimento* [em português no original]. Em seguida, se volta como no começo. Jamais esquecerei que no meio do caminho... Portanto, no fundo, primeiramente, existe a ideia de que isso ocorre no meio da vida, que não se pode esquecer. É o segundo tema. O terceiro, que não se pode dizê-lo, já que não se pode dizer que eu tinha uma pedra, eu tinha uma pedra. Quer dizer o quê? Que havia um obstáculo. Havia alguma coisa de compacto. Logo, para mim, é o impossível do acontecimento.

Veem-se todos os aspectos, incluindo o fato de que, no fundo, a única coisa que se pode fazer do acontecimento é uma criação que lhe será fiel. E aí, jamais esquecerei esse acontecimento. É a fidelidade totalmente só, a fidelidade perfeita. Portanto, encontram-se todas as categorias. Eis porque me toca tanto. É no meio da vida. É algo da ordem do acontecimento que ocorre. É alguma coisa da qual não se pode encontrar nome propriamente dito. Eu tinha uma pedra. Ademais, é a ideia segundo a qual era eu que a tinha. Portanto, é o sujeito, o “eu”.

IV: Você diz que não há pronomes pessoais? Ok, mas como é o verbo?

GC: “Tinha” uma pedra no meio do caminho. Não é “eu tinha” uma pedra.

Badiou: Mas com certeza não me esquecerei desse acontecimento exterior. Lá há o “eu”

IV: Isso muda tudo.

Badiou: Isso muda, mas é o único pronome pronunciado.

GC: E só ocorre no fim.

Badiou: Isso mesmo. Exatamente como na minha teoria. O acontecimento produz a possibilidade do sujeito. Não é o sujeito que é anterior ao acontecimento. Por fim, ele se constitui como sujeito no poema. Você tem razão. Não se deve colocar o pronome pessoal senão onde ele se encontra.

GC: Ainda que, em francês, sempre haja esse hábito.

Badiou: Sim, sim, claro. Eis aqui. Eu creio que é isso. É o êxito diante do fato de que no meio do caminho da vida me constituí na impossibilidade de

esquecer que havia uma pedra. Isso. Pedra é o nome anônimo de qualquer coisa que existiu nesse momento, no meio do caminho da vida, cuja única coisa que posso fazer é o quê? Um poema.

GC: É escrever.

Badiou: Sim, escrever.

GC: O poema é um acontecimento na linguagem.

Badiou: Escrever é um acontecimento na linguagem. Torna-se um acontecimento na linguagem. O poema conta que no meio do caminho a vida, ocorreu alguma coisa da qual não posso fazer nada senão um poema. Contá-la.

CG: Quem o diz é um sujeito.

Badiou: Exato. É uma subjetividade dura que não pode fazer nada, senão ser fiel, no momento em que houve a pedra no caminho. Agradeço-lhe de me ter comunicado esse poema.

GC: Eis o título dessa antologia [francesa], *A máquina do mundo*³⁴. De alguma

34 “E como eu palmilhasse vagamente/ uma estrada de Minas, pedregosa,/ e no fecho da tarde um sino rouco/ se misturasse ao som de meus sapatos/ que era pausado e seco; e aves pairassem/ no céu de chumbo, e suas formas pretas/

lentamente se fossem diluindo/ na escuridão maior, vinda dos montes/ e de meu próprio ser desenganado/ a máquina do mundo se entreabriu/ para quem de a romper já se esquivava/ e só de o ter pensado se carpia./ Abriu-se majestosa e circunspecta./ sem emitir um som que fosse impuro/ nem um clarão maior que o tolerável/ pelas pupilas gastas na inspeção/ contínua e dolorosa do deserto./ e pela mente exausta de mentar/ toda uma realidade que transcende/ a própria imagem sua debuxada/ no rosto do mistério, nos abismos./ Abriu-se em calma pura, e convidando/ quantos sentidos e intuições restavam/ a quem de os ter usado os já perdera/ e nem desejaria recobrá-los./ se em vão e para sempre repetimos/ os mesmos sem roteiro tristes périplos./ convidando-os a todos, em coorte./ a se aplicarem sobre o pasto inédito/ da natureza mítica das coisas./ assim me disse, embora voz alguma/ ou sopro ou eco ou simples percussão/ atestasse que alguém, sobre a montanha./ a outro alguém, noturno e miserável./ em colóquio se estava dirigindo:/ “O que procuraste em ti ou fora de/ teu ser restrito e nunca se mostrou./ mesmo afetando dar-se ou se rendendo./ e a cada instante mais se retraindo./ olha, repara, ausculta: essa riqueza/ sobrança a toda pérola, essa ciência/

sublime e formidável, mas hermética./ essa total explicação da vida./ esse nexos primeiro e singular./ que nem concebes mais, pois tão esquivo/ se revelou ante a pesquisa ardente/ em que te consumiste... vê, contempla./ abre teu peito para agasalhá-lo.”/ As mais soberbas pontes e edifícios./ o que nas oficinas se elabora./ o que pensado foi e logo atinge/ distância superior ao pensamento./ os recursos da terra dominados./ e as paixões e os impulsos e os tormentos/ e tudo que define o

maneira, esse poema retoma a figura da pedra como pedra de toque, como acontecimento. Tive dificuldades porque há várias maneiras de se interpretar o que pode ser essa pedra ou essa máquina.

Porque, pode-se indagar, o que há de afirmativo ali, senão o poema? Creio ser um acontecimento de linguagem pois, precisamente, retoma a máquina do mundo, tema já escrito por Dante, vocês têm completa razão, por um outro poeta português, Camões, que inspirou Fernando Pessoa, que você conhece muito bem.

Badiou: Consultei bastante Camões por causa de Pessoa.

GC: Pessoa tentou refazer o gesto camoniano e até Joyce retomou esse mito da Renascença, segundo o qual o mundo é uma máquina com engrenagens que se ligam umas às outras. Dito isso, o poema foi publicado em um livro cujo título é belo, *Claro enigma* (1951). É talvez uma definição da poesia.

Badiou: Sim, claro.

GC: O que ocorre é que há alguém que anda sem prestar muito atenção, no início.

Badiou: A estrada com pedras... É bem complicado, não? É preciso que eu leia e que lhe escreva o que penso. É um poema magnífico. Aqui ainda estou verdadeiramente contente de, graças a você, conhecer esse poema.

Abordar um novo poeta é sempre um assunto delicado. É preciso não fazer como o personagem e abaixar os braços. Poderíamos dizer que todo o

ser terrestre/ ou se prolonga até nos animais/ e chega às plantas para se embeber/ no sono rancoroso dos minérios./ dá volta ao mundo e torna a se engolfar/ na estranha ordem geométrica de tudo./ e o absurdo original e seus enigmas./ suas verdades altas mais que tantos/ monumentos erguidos à verdade:/ e a memória dos deuses, e o solene/ sentimento de morte, que floresce/ no caule da existência mais gloriosa./ tudo se apresentou nesse relance/ e me chamou para seu reino agosto./ afinal submetido à vista humana./ Mas, como eu relutasse em responder/ a tal apelo assim maravilhoso./ pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio./ a esperança mais mínima — esse anelo/ de ver desvanecida a treva espessa/ que entre os raios do sol inda se filtra./ como defuntas crenças convocadas/ presto e fremente não se produzissem/ a de novo tingir a neutra face/ que vou pelos caminhos demonstrando/ e como se outro ser, não mais aquele/ habitante de mim há tantos anos./ passasse a comandar minha vontade/ que, já de si volúvel, se cerrava/ semelhante a essas flores reticentes/ em si mesmas abertas e fechadas:/ como se um dom tardio já não fora/ apetecível, antes despiendo/ baixei os olhos, incurioso, lasso./ desdenhando colher a coisa oferta/ que se abria gratuita a meu engenho./ A treva mais estrita já pousara/ sobre a estrada de Minas, pedregosa./ e a máquina do mundo, repelida./ se foi miudamente recompondo./ enquanto eu, avaliando o que perdera./ seguia vagaroso, de mãos pensas” (Drummond, 2002, p.301-305).

poema é a própria máquina, finalmente. É um dispositivo. O poema conta que ele se desvia disso e cria uma subjetividade um tanto disponível, um pouco vazia, as mãos pensas, retoma seu caminho e o segue.

É aí também a imagem da recusa do acontecimento. Se dissermos que a abertura do mundo foi o que se produziu, dessa vez no caminho da vida, é também um acontecimento. Algo ocorreu ali e finalmente ele, em pensamento, o recusa. A passagem na qual se descreve a recusa é bastante complicada. É preciso analisar de muito perto. Tanto que, ao final, parece haver, apesar de tudo, um remorso a respeito da recusa.

GC: Ele parece não decidir.

Badiou: Sim, e tampouco tem certeza. Muito, muito complexa, a figura subjetiva é muito complexa. Aí então, efetivamente, retoma-se um pouco o outro poema. Porque é ainda a ideia de que no meio do caminho algo ocorre. Não é alguma coisa que chega no primeiro poema, é um pouco a figura de um obstáculo. A pedra: luta-se contra a pedra. O caminho é também pedregoso. Há mais pedras. O que ocorre aqui é uma revelação. É o mundo que se abre, se oferece, se dá a ele, em sua totalidade. Ele não quer a totalidade, continua seu caminho. A criação passa ao largo, sim.

É um poema sobre a revelação e o inapropriável, do qual é preciso se desviar. Em todo caso, nessa subjetividade, se desvia. E aí, existe apesar de tudo um elemento como algo explícito da negação, quer dizer, alguma coisa que ocorre que não faz necessariamente acontecimento. Deve-se decidir se é da ordem do acontecimento ou não. Dizer isso é o momento no qual o sujeito decide sobre o acontecimento enquanto acontecimento. Quer dizer, o acontecimento aí, efetivamente, seria o que abriria o mundo. E se se o recusa, o mundo se fecha, é porque ele continuará a ser o que era. Continua-se o caminho pedregoso. É isso, muito interessante.

Uma vez mais uma teoria do sujeito, na verdade, uma teoria do sujeito em sua capacidade, incluindo a de recusar a oferta que lhe é feita como acontecimento de um encontro total. Tenho a impressão que talvez haja nesse poema o tema de uma recusa da totalidade. Apenas algo assim, que a totalidade não é o objeto de seu desejo.

GC: Acho que é como a epígrafe desse livro, *Claro enigma*, na qual ele colocou um verso de Paul Valéry. Ele utiliza um termo que lhe é caro. Mas creio que em outro sentido. Ele diz isso: “os acontecimentos me entediam” [les

événements m'ennuient, em francês no original], mas não entendo que seja o acontecimento como corte, me parece. Mas talvez seja a busca do dia a dia, a moda ou ainda a teleologia etc.

Badiou: Sim, acho. São os acontecimentos no sentido fraco, no sentido do inglês *event*. Ok, é sempre o problema com o inglês. Isso não quer dizer de maneira alguma aquilo que o termo acontecimento [*événement*] quer dizer. É em seu sentido de evento que se fala.

IV: São os organizadores de evento.

Badiou: *Event*, para os ingleses, quer dizer uma noitada organizada, toda produzida, uma exposição de pintura, uma festa, um *happening*. Tudo isso. Muito pelo contrário, é algo totalmente organizado que ocorre e que não corta. Além disso, quando traduzem minha obra, colocam esse termo, e há algo que não funciona.

GC: Além desses dois grandes poemas, existem muitos outros. Mas há dois sobre o que talvez seja a poesia e mais dois sobre o acontecimento enquanto amor, o acontecimento na vertente dos procedimentos amorosos. “Procura da poesia”.

Badiou: Onde está? “Procura da poesia”³⁵.

GC: Sim. Toda uma séria de negações. Seriam os interditos da poesia moderna.

35 “Não faças versos sobre acontecimentos./ Não há criação nem morte perante a poesia./ Diante dela, a vida é um sol estático,/ não aquece nem ilumina./ As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam./ Não faças poesia com o corpo./ esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica./ Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro/ são indiferentes./ Não me reveles teus sentimentos,/ que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem./ O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia./ Não cantes tua cidade, deixa-a em paz./ O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas./ Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma./ O canto não é a natureza/ nem os homens em sociedade./ Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam./ A poesia (não tires poesia das coisas)/ elide sujeito e objeto./ Não dramatizes, não invoques,/ não indagues. Não percas tempo em mentir./ Não te aborreças./ Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,/ vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família/ desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável./ Não recomponhas/ tua sepultada e merencória infância./ Não osciles entre o espelho e a memória em dissipação./ Que se dissipou, não era poesia./ Que se partiu, cristal não era./ Penetra surdamente no reino das palavras./

Lá estão os poemas que esperam ser escritos./ Estão paralisados, mas não há desespero/ há calma e frescura na superfície intata./ Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário./ Convive com teus

Badiou: Mas ele não faz versos sobre o acontecimento. Ele começa assim. E depois “não há criação nem morte diante da poesia”! Nem acontecimento, nem corpo, nem sentimentos.

GC: É talvez uma busca do nada. É muito difícil de colocá-lo em uma forma, pois é o poema que de alguma maneira nos interpela e em seguida tentamos lê-lo.

Badiou: Então, como você o interpreta?

GC: Creio que ele quer negar uma certa magia da linguagem, ou algumas evocações, como se com um nome próprio se pudesse evocar imediatamente uma realidade ou o passado. Ele quer negar o senso comum e termina com o desprezo das palavras. Mas antes diz “penetra surdamente no reino das palavras. Lá estão os poemas que esperam ser escritos”. Como se fosse uma ascese à ideia.

Badiou: Um poema não é nem uma confissão, nem uma descrição, e tampouco uma descrição objetiva. A máxima do poeta é, apesar de tudo, difundir objetos. Então aí se sente a ideia. Uma ideia que é uma teoria da linguagem, digamos. Uma teoria da linguagem, como o fato de que a linguagem é o lugar absoluto do poema e de que não é preciso orientar esse lugar, nem do lado da objetividade externa, nem do lado de uma suposta interioridade. O poema se encontra lá, na linguagem enquanto tal.

É a proposição de uma ascese poética absoluta, uma ascese que faria com que o poema se estabelecesse nas palavras sem ter de ligá-las a uma exterioridade ou a uma interioridade vinda de fora, de alguma maneira. Ela é também uma espécie de indiferença da linguagem. O poema deve captar a linguagem em sua indiferença, quer seja a nominação de uma exterioridade, quer seja a revelação de uma interioridade. Esse cuidado, primeiramente. E só assim que o poema dirá algo de seu criador.

poemas, antes de escrevê-los./ Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam./ Espera que cada um se realize e consuma/ com seu poder de palavra/
e seu poder de silêncio./ Não forces o poema a desprender-se do limbo./ Não colhas no chão o poema que se perdeu./

Não adules o poema. Aceita-o/ como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada/ no espaço./
Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta,/
pobre ou terrível que lhe deres./ Trouxeste a chave?/ Repara:/ ermas de melodia e conceito/ elas se refugiaram na noite, as palavras./ Ainda úmidas e impregnadas de sono./ rolam num rio difícil e se transformam em desprezo” (Ibidem, p.117-118).

Porque se ele se refere a uma exterioridade ou uma interioridade, será capturado, de algum modo, fora de si, enquanto a poesia seria algo que se mantém na potência da linguagem enquanto tal e se conserva nos dois extremos subjetivo e objetivo. No fundo, isso evita que o poema se torne escravo daquilo que ele não é. Finalmente, o poema seria a revelação da linguagem enquanto tal. Sua potência intrínseca.

GC: Essa afirmação necessita, portanto, de uma negação.

Badiou: Sim, exato. Há um lado Mallarmé, diria. Há manifestamente um lado mallarmeano. Mas penso em Mallarmé no acaso vencido, palavra por palavra. É uma de suas definições do poema. Então, isso pode ser o acaso dos acontecimentos. Pode ser o acaso das impressões. Mas, palavra por palavra, é preciso levar daí uma vitória, contra. E finalmente também quando diz que o poema permanece só. Mas é bem próximo disso, ocorre só.

GC: Um outro poema, um pouco parecido, “Consideração do poema”³⁶.

Badiou: Novamente aí, a pedra no meio do caminho.

36 “Não rimarei a palavra sono/ com a incorrespondente palavra outono./ Rimarei com a palavra carne/ ou qualquer outra, que todas me convém./ As palavras não nascem amarradas/ elas saltam, se beijam, se dissolvem./ no céu livre por vezes um desenho./ são puras, largas, autênticas, indevassáveis./ Uma pedra no meio do caminho/ ou apenas um rastro, não importa./ Estes poetas são meus. De todo o orgulho./ de toda a precisão se incorporaram/ ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius/ sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo./ Que Neruda me dê sua gravata/ chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski./ São todos meus irmãos, não são jornais/ nem deslizar de lancha entre camélias./ é toda a minha vida que joguei./ Estes poemas são meus. É minha terra/ e é ainda mais do que ela. É qualquer homem/ ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna/ em qualquer estalagem, se ainda as há./ — Há mortos? há mercados? há doenças?/ É tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras/ por que falsa mesquinhez me rasgaria?/ Que se depositem os beijos na face branca, nas principiantes rugas./ O beijo ainda é um sinal, perdido embora./ da ausência de comércio/ boiando em tempos sujos./ Poeta do finito e da matéria./ cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas./ boca tão seca, mas ardor tão casto./ Dar tudo pela presença dos longínquos./ sentir que há ecos, poucos, mas cristal/ não rocha apenas, peixes circulando/ sob o navio que leva esta mensagem,/ e aves de bico longo conferindo/ sua derrota, e dois ou três faróis./ últimos! esperança do mar negro./ Essa viagem é mortal, e começá-la./ Saber que há tudo. E mover-se em meio/ a milhões e milhões de formas raras./ secretas, duras. Eis aí meu canto./ Ele é tão baixo que sequer o escuta/ ouvido rente ao chão. Mas é tão alto/ que as pedras o absorvem. Está na mesa/ aberta em livros, cartas e remédios./ Na parede infiltrou-se. O bonde, a rua,/ o uniforme de colégio se transformam./ são ondas de carinho te envolvendo./ Como fugir ao mínimo objeto/ ou recusar-se ao grande? Os temas passam./ eu sei que passarão, mas tu resistes./ e cresces como fogo, como casa./ como orvalho entre dedos, na grama, que repousam./ Já agora te sigo a toda parte./ e te desejo e te perco, estou completo./ me destino, me faço tão sublime./ tão natural e cheio de segredos./ tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,/ o povo, meu poema, te atravessa” (Ibidem, 115-116).

GC: É uma fixação.

Badiou: Encontra-se a mesma coisa. Aí, em particular, vejo o começo da última estrofe. Como escapar ao menor dos objetos? Em seguida, depois, os temas [*sujets*] passam. Não se encontra, de todo modo, nem sujeito, nem objeto. Sim, sei que passam, mas tu, tu resistes. É o poema. O poema deve escapar ao menor dos objetos. Como vai se livrar, como vai evitar de passar como passam os temas [*sujets*]. Perdi tudo, estou completo, me destino a isso.

GC: Não é um elogio à morte, mas à idealidade do poema.

Badiou: Não é de forma alguma a apologia da morte. Aí, efetivamente, é novamente a ideia de que o poema é habitado pela linguagem como totalidade autossuficiente. Saber que há tudo, isso na linguagem. Saber que existe tudo e se mover em meio a milhões e milhões de formas raras, secretas, duras. Portanto o poema se estabelece na capacidade da própria linguagem a carregar milhões e milhões de formas. Apenas a palavra forma as formas raras. Como se diz em português?

GC: *Formas raras* [em português no original].

Badiou: Quase a mesma coisa. Penso que é uma outra maneira de se dizer que se encontraram, na verdade, as mesmas orientações. O poema não deve ser nem descrição, nem introspecção e subjetividade. No fundo, ele deve se estabelecer na linguagem como se estabelece em um milhão de formas raras, quer dizer, na fonte das formas belas, raras, secretas, duras. É o lado pedra no meio do caminho.

GC: Obrigado, professor. E para terminar, há dois poemas. Um foi traduzido nessa antologia à página 217, e se chama “Memória”³⁷.

Badiou: Esse é sutil, é muito, muito elíptico. Penso como você que é o procedimento amoroso do qual é questão, sub-repticiamente. Sem alusão direta, mas do procedimento amoroso em uma figura de seu passado. Algo que foi perdido. É a primeira coisa, amar o perdido.

37 “Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração./ Nada pode o olvido/ contra o sem sentido/ apelo do Não./ As coisas tangíveis/ tornam-se insensíveis/ à palma da mão./ Mas as coisas findas,/ muito mais que lindas,/ essas ficarão” (Ibidem, p.252).

Há a ideia de que o esquecimento é ineficaz, na segunda estrofe. A primeira estrofe explica que, se houve um procedimento amoroso perdido, se continua a amá-lo, se continua a amar o amor, de uma certa maneira, enquanto perdido e, em uma confusão, o esquecimento é ineficaz. O procedimento amoroso não pode ser esquecido, mesmo diante do absurdo desafio do não, da negação. O que era da ordem do sensível desaparece. Terceira estrofe. Todavia, as coisas permanecem. Então, aí, o que é? As coisas findas, para além da beleza. É um pouco o enigma.

IV: Escute, acontece que achei por acaso esse poema absolutamente extraordinário. É isso com os três últimos versos. Na página 226, “Amor e seu tempo”.

Badiou: Sim, isso. É um soneto. Olhe só essa descoberta! Então vou lê-lo, esse pequeno poema. Mas acho que é isso. É a memória do amor. Que no fim das contas o coração está abalado pelo fato de que foi perdido. Portanto, o que foi perdido não deveria mais ser, mas, apesar de tudo, ainda é. Memória. E então? Ele tenta saber o que é o conteúdo real dessa memória. Ele diz que essa memória não é feita por episódios, não é. Não é o sensível ele mesmo. É o para além da beleza. É uma ideia perfeita. Essa ideia perfeita permanece para sempre.

Então, agora, “Amor e seu tempo”³⁸. “O amor é o privilégio de maduros”. Isso nos convém perfeitamente! “Estendidos na mais estreita cama” se modifica para camadas verdejantes por todo corpo. Isso vale o “ganho não previsto”. Isso é muito bonito, o ganho não previsto, trata-se do inesperado. É, aliás, também da ordem do acontecimento. É o encontro “subterrâneo e coruscante”.

É muito belo o amor e o que se aprende no limite. Fantástico. É preciso arquivar todo o saber, decriptá-lo. Está para além de todo o saber, é a dimensão de acontecimento do pensamento, de sua novidade radical. E o amor começa tarde. Isso me lembra a definição de filosofia dada por Hegel, a coruja de Minerva. O amor começa como acontecimento, além de todas as considerações ordinárias. É por isso que é privilégio de gente madura.

GC: Será que se pode ser maduro com vinte anos?

38 “Amor é privilégio de maduros/ estendidos na mais estreita cama,/ que se torna a mais larga e mais relvosa./ roçando, em cada poro, o céu do corpo./ É isto, amor: o ganho não previsto,/ o prêmio subterrâneo e coruscante./ leitura de relâmpago cifrado,/ que, decifrado, nada mais existe/ valendo a pena e o preço terrestre./ salvo o minuto de ouro no relógio/ minúsculo, vibrando no crepúsculo./ Amor é o que se aprende no limite./ depois de se arquivar toda a ciência herdada, ouvida. Amor começa tarde” (Ibidem, p.728).

IV: Sim, depende. Tenho tendência a pensar que no mais das vezes é na verdade um recasamento que o ensina. Talvez o primeiro amor seja mais difícil de se administrar. Penso, de uma certa maneira, sim, bem tarde, mais tarde. É interessante, mas pode ser tarde. O tarde pode ser jovem, ainda assim.

GC: Sim, depende do encontro. Há um filósofo americano que faleceu há pouco, Stanley Cavell.

Badiou: Ele escreveu sobre as comédias de recasamento, sim, sim. Há filmes, não, livros, sobre esse tema. Pode ser mais autêntico, mais interessante. E o poema diz mais ou menos algo assim.

GC: Obrigado, professor. Bem, poderia passar horas com vocês, mas o programa foi cumprido.

Badiou: Foi maravilhoso para mim porque é apaixonante. É apaixonante de fato e é verdade que isso orbita em torno, de maneira essencial, da apreensão do acontecimento. Há dois pontos de acontecimento. A pedra no meio do caminho, por fim, de alguma maneira. E por outro lado, a autonomia absoluta do poema. E assim, a poesia é a ligação entre ambos. O elo entre o que é da ordem do acontecimento e a autonomia absoluta da linguagem. Como a autonomia absoluta da linguagem pode ser suscitada pela pedra no meio do caminho, e é preciso não confundir isso com um saber sobre a totalidade, isso está baseado sobre a máquina do mundo.

GC: É preciso, no entanto, se apartar dos sofistas e dos mecanicistas.

Badiou: Exatamente.

IV: Percebo relações também com Celan. Apoiar-se nas inconsistências.

Badiou: Há relações também.

GC: É preciso não se apoiar na máquina.

Badiou: Mas precisamente sobre as inconsistências, sobre a fragilidade. Talvez sobre o obstáculo puro, as pedras no meio do caminho. Isso basta, não necessita que se abra a máquina do mundo.

Referências

- Badiou, Alain. *Théorie du sujet*. Paris : Seuil, 1982
- _____. *L'Être et l'événement*. Paris : Seuil: 1988.
- _____. *Manifesto pela filosofia*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Angélica, 1991
- _____. *Conditions*. Paris: Seuil, 1992
- _____. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994
- _____. *O ser e o evento [acontecimento]*. Tradução Maria Luíza Borges. Rio: Jorge Zahar, 1996
- _____. *Court traité d'ontologie transitoire*. Paris : Seuil, 1998
- _____. *Logiques des mondes – l'Être et l'événement II*. Paris : Seuil, 2006
- _____. *O Século*. Tradução Carlos Silveira Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2007
- _____. *L'aventure de la philosophie française depuis les années 1960*. Paris : La fabrique, 2012
- _____. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Tradução Antônio Teixeira e Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica, 2015
- _____. *Que pense le poème*. Paris: Nous, 2016
- _____. *Limmanence des vérités – l'Être et l'événement III*. Paris : Fayard, 2018
- _____. *Trump*. Paris: PUF, 2020
- Chataignier, Gustavo. Notas do curso « *Pour aujourd'hui, Platon !* », 10 de junho de 2009, ministrado por Alain Badiou na École Normale Supérieure.
- _____. “Máquinas Da Escritura: Devires Sensíveis”. In: *Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia*. Org. Ceppas, e Chataignier. Valparaíso: Universidade de Valparaíso, 2019 (disponível em <http://www.revistalatinamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/01/18-Gustavo-Chataignier.pdf>)
- _____. “Machines de l'écriture : des devenirs sensibles”. In : *50 ans de déconstruction : vitalité et pertinence de l'œuvre de Derrida*. Org. Ceppas; Chataignier; Ferté. Paris : L'Harmattan, 2020.
- Costa Lima, Luiz. *Lira e antilira: Mário, Drummond e Cabral*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- Drummond de Andrade, Carlos. *Réunion*. Tradução Jean-Michel Massa. Paris: Aubier-Montaigne, 1972.
- _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- _____. *La Machine du monde et autres poèmes*. Tradução Didier Lamaison. Paris: Gallimard/ Poésie, 2005
- _____. *Mort dans l'avion et autres poèmes*. Tradução Ariane Witowski. Paris: Chandeigne, 2005
- Drummond de Andrade, Carlos & Andrade, Mário. *A lição do amigo - Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Organização André Botelho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

Lacan, Jacques. *Le séminaire XXII - R.S.I.* Paris: Revue Ornicar, 1974

_____. “Simbólico, Imaginário e Real”. In: *Os Nomes do Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012

Hallward, Peter. “Translator’s introduction”. In: *Ethics – an essay on the understanding of evil*. Badiou, Alain. Tradução Peter Hallward. Londres-Nova Iorque: Verso, 2001

Madarasz, Norman. *O múltiplo sem um*. São Paulo: Ideias e Letras, 2011

Merquior, José Guilherme. *A razão do poema*. São Paulo: É Realizações, 2013

Roudinesco, Élisabeth, & plon, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

Santiago, Silviano. *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture*. Tradução Anna Lucia Gazzola e Wander Mello Miranda. Dunham e Londres: Duke University Press, 2001